

Trata-se de um conjunto de textos, especialmente elaborados para esta publicação, que procura combinar o estudo e a reflexão de aspectos fundamentais das políticas públicas setoriais de lazer, com relatos de experiência de ações desenvolvidas por executivos municipais.

São abordadas questões como o papel que cabe aos executivos municipais, a necessidade da interdisciplinaridade nas equipes de trabalho, a importância da consideração do espaço para o lazer, a participação popular, os diversos componentes da Ação Comunitária como estratégia de ação etc.

Os autores, na sua grande maioria, fazem parte do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas e Privadas Setoriais de Lazer, da FEF/UNICAMP, ou são responsáveis pela Administração Municipal, nesse setor, em cidades cujo executivo tem à frente Partidos que acreditam e embasam o seu trabalho na participação popular.

O livro é dirigido a Administradores e Membros de Executivos Municipais, Estudantes e Profissionais de Educação Física, Turismo, Terapia Ocupacional, Ciências Humanas, Educação, Arquitetura e Urbanismo, Administração etc.



100% papel reciclado

AUTORES ASSOCIADOS



ISBN 978-85-85701-40-6



9 17 88 58 517 014 061

www.autoresassociados.com.br
educação física e esportes



POLÍTICAS PÚBLICAS SETORIAIS DE LAZER

Nelson Carvalho Marcellino (Org)

POLÍTICAS PÚBLICAS SETORIAIS DE LAZER

O Papel das Prefeituras

NELSON CARVALHO MARCELLINO
ORG.

AUTORES ASSOCIADOS

EDITORA AUTORES ASSOCIADOS LTDA.

Uma editora educativa a serviço da cultura brasileira

Av. Albino J. B. de Oliveira, 901
Barão Geraldo | CEP 13084-008
Campinas - SP | Pabx/Fax: (55) (19) 3289-5930
E-mail: editora@autoresassociados.com.br
Catálogo on-line: www.autoresassociados.com.br

Conselho Editorial "Prof. Casemiro dos Reis Filho"

Bernardete A. Gatti
Carlos Roberto Jamil Cury
Dermeval Saviani
Gilberta S. de M. Jannuzzi
Maria Aparecida Motta
Walzer E. Garcia

Diretor Executivo
Flávio Baldy dos Reis

Diretora Editorial
Heloisa Reis

Revisão
Heloisa Reis
Tom Hermida

Composição
Heloisa Reis

Capa
Ilustração e Leiaute
Milton José de Almeida

Arte-final
Vlad Camargo

Impressão e Acabamento
Bandeirantes On Demand



100% papel reciclável



100% papel reciclado



www.abdr.org.br
abdr@abdr.org.br
denuncie a cópia ilegal

POLÍTICAS PÚBLICAS SETORIAIS DE LAZER

O PAPEL DAS PREFEITURAS

EXEMPLAR ÚNICO
PERTENCE AO ARQUIVO
DO DCTEC/SNDEL
Ministério do Esporte

NELSON CARVALHO MARCELLINO
(ORGANIZADOR)

Doado para o Projeto
BIBLIOTECA ABERTA

COLEÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES

AUTORES ASSOCIADOS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras/
Nelson Carvalho Marcellino (org.) – Campinas, SP: Autores
Associados, 1996 (Coleção Educação Física e Esportes)

Vários autores.

ISBN 978-85-85701-40-6

1. Lazer. 2. Municípios – Governo e administração – Brasil
I. Marcellino, Nelson Carvalho, 1950- II. Série.

96-4175

CDD-352.9458081

Índices para catálogo sistemático

1. Brasil: Lazer: Políticas públicas:
Administração pública municipal 352.9458081
2. Lazer: Políticas públicas: Administração pública:
Brasil 352.9458081

Impresso no Brasil – outubro de 1996

Copyright © 1995 by Editora Autores Associados LTDA.

Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Lei n. 10.994, de 14 de dezembro de 2004, que revogou o Decreto-lei n. 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

Nenhuma parte da publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, ou outros, sem prévia autorização por escrito da Editora. O Código Penal brasileiro determina, no artigo 184:

“Dos crimes contra a propriedade intelectual

Violação de direito autoral

Art. 184. Violar direito autoral

Pena – detenção de três meses a um ano, ou multa.

1º Se a violação consistir na reprodução, por qualquer meio, de obra intelectual, no todo ou em parte, para fins de comércio, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, ou consistir na reprodução de fonograma e videograma, sem autorização do produtor ou de quem o represente:

Pena – reclusão de um a quatro anos e multa.”

SUMÁRIO

Doado para o Projeto BIBLIOTECA ABERTA

INTRODUÇÃO	
O ENTENDIMENTO DO LAZER Nelson Carvalho Marcellino	1
CAPÍTULO UM LAZER E QUALIDADE DE VIDA Lino Castellani Filho	7
CAPÍTULO DOIS SUBSÍDIOS PARA UMA POLÍTICA DE LAZER- O PAPEL DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL Nelson Carvalho Marcellino	23
CAPÍTULO TRÊS O ESPAÇO DE LAZER NA CIDADE E A ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL Ana De Pellegrin	31
CAPÍTULO QUATRO PRESSUPOSTOS DE AÇÃO COMUNITÁRIA - ESTRUTURAS E CANAIS DE PARTICIPAÇÃO Nelson Carvalho Marcellino	39
CAPÍTULO CINCO DEFLAGRANDO UMA AÇÃO DE LAZER José Luís de Paiva	43

DOADO PARA O PROJETO
BIBLIOTECA ABERTA

CAPÍTULO SEIS
RESPOSTA E REFLEXO -
DOIS TIPOS DE RESULTADOS E SUAS PECULIARIDADES 55
Andréia Destefani e Maria de Fátima S. Grillo

CAPÍTULO SÊTE
A CONSTRUÇÃO DA INTERDISCIPLINARIDADE NO LAZER:
EXPERIÊNCIA POLÍTICA DA PREFEITURA MUNICIPAL
DE BELO HORIZONTE-M.G. 61
Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto

CAPÍTULO OITO
ORÇAMENTO PARTICIPATIVO E A QUESTÃO DO LAZER -
O CASO DE PORTO ALEGRE-R.S. 71
Etel Soares Gutterres e Rejane Penna Rodrigues

CAPÍTULO NOVE
FORMAÇÃO E RECICLAGEM DE QUADROS PARA ATUAÇÃO -
O CASO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS-S.P. 85
Maria Virgílica Ramos e Rosana Infante

CAPÍTULO DEZ
DIADEMA: DIREITOS QUE VAMOS CONSTRUINDO 101
Maria Cristina Cavalleiro e Marlene Salgado

CAPÍTULO ONZE
PARTICIPAÇÃO POPULAR NA GESTÃO DO ESPAÇO PÚBLICO
DE LAZER: UM CAMINHO PERCORRÍVEL NA CONSTRUÇÃO DA
UTOPIA DEMOCRÁTICA 117
Marco Paulo Stigger

INTRODUÇÃO

Doado para o Projeto
BIBLIOTECA ABERTA

O ENTENDIMENTO DO LAZER

NELSON CARVALHO MARCELLINO

A importância que o lazer vem ganhando nas últimas décadas, como problema social e como objeto de reivindicação, ligada à qualidade de vida nas cidades, não vem sendo acompanhada pela ação do poder público, com o estabelecimento de políticas setoriais, na área, devidamente articuladas com outras esferas de atuação, vinculadas com as iniciativas espontâneas da população e com parcerias junto à iniciativa privada.

Muito pouco tem sido feito no setor, o que em alguns casos não significa ausência de recursos, mas má utilização, devido à ausência de parâmetros norteadores da ação. O que se verifica, na maioria das vezes, é uma mistura do preconceito, ainda existente em algumas áreas; com a incompetência, muitas vezes mascaradora de discursos até ditos "transformadores".

Veza por outra são lançadas campanhas nacionais, algumas inspiradas em movimentos internacionais, como o "Mexa-se", "O Esporte para Todos", o "Programa de Centros Sociais Urbanos" etc., de polêmica base e duvidosa eficácia. Todas elas, no entanto, acabam dando frutos, muitos dos quais não previstos, e até mesmo contrários à "filosofia" dos programas que os geraram.

CAPÍTULO SEIS
 RESPOSTA E REFLEXO -
 DOIS TIPOS DE RESULTADOS E SUAS PECULIARIDADES 55
 Andréia Destefani e Maria de Fátima S. Grillo

CAPÍTULO SÊTE
 A CONSTRUÇÃO DA INTERDISCIPLINARIDADE NO LAZER:
 EXPERIÊNCIA POLÍTICA DA PREFEITURA MUNICIPAL
 DE BELO HORIZONTE-M.G. 61
 Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto

CAPÍTULO OITO
 ORÇAMENTÓ PARTICIPATIVO E A QUESTÃO DO LAZER -
 O CASO DE PORTO ALEGRE-R.S. 71
 Etel Soares Gutterres e Rejane Penna Rodrigues

CAPÍTULO NOVE
 FORMAÇÃO E RECICLAGEM DE QUADROS PARA ATUAÇÃO -
 O CASO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS-S.P. 85
 Maria Virgilina Ramos e Rosana Infante

CAPÍTULO DEZ
 DIADEMA: DIREITOS QUE VAMOS CONSTRUINDO 101
 Maria Cristina Cavalleiro e Marlene Salgado

CAPÍTULO ONZE
 PARTICIPAÇÃO POPULAR NA GESTÃO DO ESPAÇO PÚBLICO
 DE LAZER: UM CAMINHO PERCORRÍVEL NA CONSTRUÇÃO DA
 UTOPIA DEMOCRÁTICA 117
 Marco Paulo Stigger

INTRODUÇÃO

Doado para o Projeto
BIBLIOTECA ABERTA

O ENTENDIMENTO DO LAZER

NELSON CARVALHO MARCELLINO

A importância que o lazer vem ganhando nas últimas décadas, como problema social e como objeto de reivindicação, ligada à qualidade de vida nas cidades, não vem sendo acompanhada pela ação do poder público, com o estabelecimento de políticas setoriais, na área, devidamente articuladas com outras esferas de atuação, vinculadas com as iniciativas espontâneas da população e com parcerias junto à iniciativa privada.

Muito pouco tem sido feito no setor, o que em alguns casos não significa ausência de recursos, mas má utilização, devido à ausência de parâmetros norteadores da ação. O que se verifica, na maioria das vezes, é uma mistura do preconceito, ainda existente em algumas áreas, com a incompetência, muitas vezes mascaradora de discursos até ditos "transformadores".

Veza por outra são lançadas campanhas nacionais, algumas inspiradas em movimentos internacionais, como o "Mexa-se", "O Esporte para Todos", o "Programa de Centros Sociais Urbanos" etc., de polêmica base e duvidosa eficácia. Todas elas, no entanto, acabam dando frutos, muitos dos quais não previstos, e até mesmo contrários à "filosofia" dos programas que os geraram.

É preciso considerar, ainda, que as propostas de trabalho não podem ficar restritas à elaboração de documentos, muitos deles até com "boas intenções" na fixação de princípios, mas que acabam se transformando em discursos vazios, por não levarem em consideração a realidade dos executivos municipais, no nosso país, a começar pelos quadros para atuação, muitas vezes hostis a qualquer tipo de mudança de orientação das ações desenvolvidas, passando pelas dificuldades do setor se impor, ainda, na Administração como um todo, e esbarrando em questões relativas ao orçamento etc.

Por isso nossa preocupação em contribuir com o setor produzindo um livro, abordando alguns dos aspectos fundamentais, quando se pensa em Políticas Públicas Setoriais de Lazer, em especial, no âmbito de atuação dos Municípios.

Trata-se de obra coletiva que conta, basicamente, com a contribuição de alguns dos membros do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas e Privadas Setoriais de Lazer, do Departamento de Estudos do Lazer, da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, além de convidados especiais, a maioria responsáveis pela Administração direta municipal, em cidades que têm à frente Partidos que acreditam e têm como embasamento do seu trabalho a participação popular, fundamental, ao nosso ver, para o estabelecimento de ações no setor.

Com relação à estrutura de referência geral, as diversas contribuições estão baseadas na consideração do lazer como:

1. cultura vivenciada no "tempo disponível" das obrigações profissionais, escolares, familiares e sociais, combinando os aspectos tempo e atitude;
2. fenômeno gerado historicamente e do qual emergem valores questionadores da sociedade como um todo, e sobre o qual são exercidas influências da estrutura social vigente;
3. um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural;
4. portador de um duplo aspecto educativo – veículo e objeto de

educação. (Todos esses itens são por mim analisados em *Lazer e Educação e Pedagogia da Animação*.)

O lazer é entendido aqui

... como a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída), no "tempo disponível". É fundamental como traço definidor, o caráter "desinteressado" dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A "disponibilidade de tempo" significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (MARCELLINO, 1995b: p.31).

Chego a esse entendimento após a análise da polêmica verificada entre os estudiosos do assunto, com relação ao peso dos aspectos "tempo" e "atitude" na caracterização do lazer, na sociedade contemporânea urbano-industrial.

É importante ressaltar, também, que o entendimento do lazer não é efetuado "em si mesmo", mas como uma das esferas de ação humana historicamente situada. Outras opções implicariam na colocação apenas parcial e abstrata das questões aqui analisadas.

A noção de cultura deve ser entendida em sentido amplo, consistindo "... num conjunto de modos de fazer, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve" (Carmém Cinira MACEDO in VALLE, 1982: p.35). Implica, assim, no reconhecimento de que a atividade humana está vinculada à construção de significados que dão sentido à existência. A análise da cultura, pois, não pode ficar restrita ao "produto" da atividade humana, mas tem que considerar também o "processo dessa produção" – "o modo como esse produto é socialmente elaborado" (Idem).

Não se concebe, assim, o lazer na sua especificidade abstrata, o que quer dizer que seu entendimento não é estabelecido em si mesmo, ou de forma isolada, nessa ou naquela atividade, mas como um

componente da cultura historicamente situada. Mesmo porque o entendimento do lazer apenas em sua "especificidade abstrata" está ligado às concepções "funcionalistas", em suas várias nuances,¹ contribuindo para reforçar, ainda mais, uma ação que colabora para a manutenção do *status quo*, uma vez que, entre outros aspectos, não leva em conta o contexto mais amplo e, assim, deixa de considerar o que caracterizo como "todo inibidor" para a sua prática – o conjunto de aspectos que, tendo como pano de fundo a questão econômica, provoca as desigualdades quantitativas e qualitativas na apropriação do "tempo livre" (MARCELLINO, 1992: p.314).

A "especificidade concreta" do lazer, considerado em sua manifestação na sociedade atual, é colocada como reivindicação social. Portanto, seu significado é bastante diferente do entendimento da Antigüidade clássica. É uma questão de cidadania, de participação cultural.

Entendo por participação cultural a atividade não conformista, mas crítica e criativa de sujeitos historicamente situados. Entendo, ainda, a participação cultural como uma das bases para a renovação democrática e humanista da cultura e da sociedade, tendo em vista não só a instauração de uma nova ordem social, mas de uma nova cultura.

Isso não significa o isolamento do plano cultural do social, mas tão-somente que não cabe justificar o imobilismo pela existência de uma ordem social adversa.

O lazer é visto aqui, portanto, como fruto da sociedade urbano-industrial e, dialeticamente, incide sobre ela como gerador de novos valores que a contestam.²

Isso não significa que o lúdico e o prazer não possam se manifestar em outros "tempos". Muito pelo contrário. O lazer é entendido enquanto "especificidade concreta", e na sua especificidade, com pos-

sibilidades de gerar valores que ampliem o universo da manifestação do brinqueado, do jogo, da festa, da "re-criação", para além do próprio lazer.

Em síntese, a consideração da "especificidade concreta" do lazer deverá levar em conta o seu entendimento amplo em termos de conteúdo, as atitudes que envolve, os valores que propicia, a consideração dos seus aspectos educativos, as suas possibilidades enquanto instrumento de mobilização e participação cultural, e as barreiras socioculturais verificadas para seu efetivo exercício, tanto intraclasses como interclasses sociais.

A ação fundamentada nesse entendimento é geradora de novas competências, estimuladora da participação e do exercício da cidadania (MARCELLINO, 1992: p.315)

O livro é recomendado a todos os interessados no assunto, e de modo particular, aos Administradores e Membros de Executivos Municipais, Estudantes e Profissionais de Educação Física, Turismo, Serviço Social, Terapia Ocupacional, Educação, Arquitetura e Urbanismo, Administração e Ciências Humanas.

1. Análise o assunto em *Lazer e Humanização e Lazer e Educação*.

2. Análise o assunto em *Pedagogia da Animação*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARCELLINO, N. C. *Lazer e Humanização*. 2ª ed., Campinas, Papirus, 1995a.

_____. *Lazer e Educação*. 2ª ed., Campinas, Papirus, 1995b.

_____. "O Lazer, Sua Especificidade e Seu Caráter Interdisciplinar", in *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* 12 (1,2,3), pp. 313-317, 1992.

_____. *Pedagogia da Animação*. Campinas, Papirus, 1991.

VALLE, E. e QUEIROZ, J. (Org.) *A Cultura do Povo*. 2ª ed., São Paulo, EDUC, 1982.

CAPÍTULO • UM

LAZER E QUALIDADE DE VIDA

LINO CASTELLANI FILHO¹

"...E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia *sim*
Começou a dizer *não*.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:
Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão

Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão
E o operário disse: Não!
E o operário fez-se forte
Na sua resolução..."

(Vinicius de Moraes - *O Operário em Construção*)

Recentemente (julho/96) fomos contemplados com informações divulgadas por vários dos nossos mais conceituados periódicos, sobre o Relatório/95 do PNLU — PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO — acerca do IDH — ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO. Em ampla matéria es-

1. Docente da Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

Sócio pesquisador do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, CBCE.

Pesquisador do Instituto de Análises sobre o Desenvolvimento Econômico - Social, IADES.

Membro dos Grupos de Estudos "Lazer e Educação" e "Políticas Setoriais de Lazer" - FEF/UNICAMP.

Diretor da Associação dos Docentes da UNICAMP, ADUNICAMP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DESTEFANI, A. *Lazer e Ação Comunitária: a Operacionalização do Processo de Viabilização de um Resultado-resposta – Um Estudo de Caso*. UNICAMP: FEF, 1995.
- GRILLO, M.F.S. *Lazer e Ação Comunitária: a Operacionalização do Processo de Viabilização de um Resultado-reflexo – Um Estudo de Caso*. UNICAMP: FEF, 1995.
- MARCELLINO, N.C. "Pressupostos de Ação Comunitária – Estruturas e Canais de Participação", in *Capacitação de Animadores Socioculturais*. Campinas, UNICAMP - FEF - DEL, Brasília, MED - SEED - PFDC, 1994.

CAPÍTULO • SETE

A CONSTRUÇÃO DA INTERDISCIPLINARIDADE NO LAZER: EXPERIÊNCIA POLÍTICA DA PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE – M.G.

LEILA MIRTÈS SANTOS DE MAGALHÃES PINTO¹

Em nosso meio, as políticas de lazer muitas vezes são traduzidas como políticas de atividades; de distribuição de materiais esportivos; ou de cessão de equipamentos específicos para o lazer, melhor dizendo, de construção de espaços públicos para a prática de atividades sem, contudo, preocuparem-se com a participação comunitária, que é a vida desse equipamento.

Uma política de lazer que pretenda atuar a longo prazo, agindo como meio de democratização cultural e promoção social, como recomenda a atual Constituição Brasileira,² precisa redefinir suas prioridades em defesa da conquista do direito ao lazer como uma das necessidades básicas para a afirmação da cidadania e a melhoria da qualidade de vida da população em geral.

1. Licenciada em Educação Física, Mestre em Educação Física, na área de concentração Estudos do Lazer. Consultora do Projeto Recrear, da Secretaria Municipal de Esportes, da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte/M.G., cuja equipe é formada pelos professores Júlio César Gonçalves de Souza, Patrícia Zingoni Morais (coordenadora) e Rita Márcia de Oliveira.

2. Constituição Brasileira de 1988, artigo 217, parágrafo 3º do item 4º.

A cidadania, cujas idéias fundamentais são a consciência da liberdade, da igualdade e da justiça social, requer a reversão de esquemas paternalistas e clientelistas, dos processos de exclusão e de tutela. Estes reduzem o envolvimento das comunidades nos projetos sociais, dificultando a criação de massa crítica para entender a vida como um todo e, nela, a importância do lazer como expressão da alegria pela conquista da liberdade e autonomia dos sujeitos. Além disso, a afirmação da cidadania requer a reversão de ofertas esporádicas de eventos de lazer, centradas em "atividades com fins em si mesmas", atividades elitistas, discriminatórias, onerosas, sem reflexos sociais contínuos e conscientes.

Nas nossas experiências vividas no Projeto Recrear, em Belo Horizonte, cada vez mais vimos percebendo que o papel da administração pública municipal, com relação à política de lazer passa, necessariamente, pelo entendimento mais amplo deste, reconhecendo-o como parte integrante da educação em geral e um dos espaços privilegiados de aprendizagem social, de auto-aperfeiçoamento dos sujeitos, de construção, consumo e desenvolvimento cultural lúdico.³

O lazer se revela nas formas de organização e de ação cultural lúdica. Por sua vez, o lúdico se concretiza na experiência do corpo que, brincando, busca o prazer de, com o outro, conquistar a liberdade de sonhar, sentir, arquitetar, opinar, decidir, agir, esforçando-se por superar os desafios impostos à brincadeira; consumindo com alegria o processo do brinquedo; recriando o tempo, o lugar

3. As nossas experiências de reflexões e ações com políticas públicas de lazer em Belo Horizonte encontram-se registradas no livro *O Lúdico e as Políticas Públicas: Realidade e Perspectivas* (1995) e no vídeo *A Educação para e pelo Lazer* (1996), obras que estão sendo divulgadas pela Secretaria Municipal de Esportes, da Prefeitura de Belo Horizonte.

e os objetos em jogo; usufruindo do seu produto que, em sua exuberância, é uma festa.⁴

Por isso, o lazer se constitui em um dos elementos essenciais à construção dos sentidos de corpo pessoal e corpo coletivo, representando um dos pilares das relações do sujeito com ele mesmo, com os outros sujeitos, com os espaços e tempos existenciais — geográfico, político, econômico, cultural, social, histórico...

Ao assumirmos o lazer como necessidade cotidiana ligada à existência social e histórica mais ampla, assumimos, também, que ele é influenciado e pode influenciar as nossas relações socioculturais. Desta forma, o lazer torna-se um dos instrumentos de mudanças históricas, abrindo espaços para a compreensão dos conflitos entre os sujeitos e a sociedade, compreensão de valores, papéis sociais e alternativas de ação, que historicamente vêm contribuindo para a reescrita do jogo da vida através da construção da alegria.⁵

Por esse motivo, precisamos investir na educação pelo e para o lazer, buscando entender como e por que, no lazer, enfrentamos limites de toda natureza — burocráticos, econômicos, políticos, religiosos, educacionais, étnicos, de alimentação, meio ambiente, moradia, segurança pública, e outros impostos pelo contexto que tantas vezes suprime, hierarquiza e marginaliza homens e mulheres; crianças, jovens, adultos e idosos; negros e índios, portadores de deficiências e tantos outros sujeitos.⁶

4. Na literatura disponível em nosso meio, os termos jogo, brinquedo, brincar, brincadeira e festa são empregados de formas diferentes mas tendo, em geral, a mesma essência de significado, ou seja, referindo-se à experiência lúdica. No presente texto, adoto as palavras jogo, brinquedo, brincar e brincadeira com o mesmo sentido, sendo que a palavra festa assume o princípio do excesso, da vivência lúdica no nível de transbordamento, como nos fala Roger Callois (1988).

5. A obra de Pierre Bourdieu, a começar pelo seu livro *A Reprodução: Elementos para a Teoria do Sistema de Ensino* (1992), escrito em co-autoria de Jean Claude Passeron, nos fornece elementos importantes para a compreensão dos limites com os quais lidamos no dia-a-dia.

6. São vários os autores que vêm publicando estudos que enfocam a educação para e pelo lazer. Nelson Carvalho Marcellino é um exemplo, de cuja obra destaco o seu livro *Lazer e Educação* (1995).

Conscientes de que o lazer sozinho não responde a toda a problemática social, acreditamos na educação para o lazer, assumindo os jogadores como sujeitos concretos, que enfrentam barreiras que limitam a realização do brincar. A vivência consciente do lazer é gestada, pois, em meio a dificuldades e alicerçada pelo espírito crítico, imaginação criadora e enriquecimento da solidariedade nas construções de sonhos, seja em momentos que buscamos conhecimentos, ou nas nossas ações como espectador, ou no exercício dos diversos conteúdos culturais.

Avançando nessa argumentação, destacamos o exercício lúdico na prática do lazer como a base da educação para o lazer, exercício que precisa ser ampliado, diversificado e democratizado para toda a população. Estamos convencidos de que, para isso, é indispensável o acesso, cada vez maior, dos sujeitos à produção cultural da humanidade, aos recursos e espaços disponíveis para o lazer em nosso meio, conscientes da importância das experiências lúdicas. Estas se mostram nos nossos rituais, nossos sonhos, nossas memórias, nossas festas e nossos brinquedos, preservados ou transformados no dia-a-dia. Sem preconceito e sem censura, a educação para o lazer compromete-se, ainda, com a reflexão sobre a nossa reorganização do tempo cotidiano, buscando equilíbrio entre as obrigações sociais e a vivência do lazer de forma continuada e autônoma na vida dos sujeitos e das comunidades.

Tudo o que foi dito até aqui sinaliza para o lazer como campo educacional que nos abre possibilidades de conhecimentos sobre ele, a partir dele e nele, como campo interdisciplinar que tem seu ponto de partida no *princípio da interação lúdica*.⁷

7. São várias as compreensões dos sentidos de interdisciplinaridade que navegam entre nós, revelando que no Brasil, especialmente desde os anos 70, as discussões sobre interdisciplinaridade vêm sofrendo influências diversas, focalizando ora a busca de explicações filosóficas; ora a busca de diretrizes sociológicas; ou de projetos antropológicos que caracterizam grande parte dos estudos/abordagens difundidas nos anos 90. Hilton Japiassu (1976) e Ivani Fazenda (1994) oferecem-nos dados sobre essa história.

Ocorre que o entendimento do lazer como *inter-ação* nos leva à sua compreensão como espaço de ação entre sujeitos e saberes, movimentos entre partes, e, para além da comunicação, indica-nos a constituição do lazer como processo de trocas dinâmicas e contínuas como em uma espiral que, cada vez mais, se abre para novas experiências.⁸

Ao falar de lazer como espaço de interação falamos também do lazer como espaço de produção de contexto e de constituição de sujeitos que, no próprio processo da atividade lúdica, se re-constroem permanentemente, assumindo-se como senhores e autores do seu brincar, no seu projeto histórico. E, como nada na vida é neutro, assim também o lazer se constitui em um dos instrumentos de controle ou de libertação social. Camufladamente, em tudo existem valores e intenções, que definem papéis, comportamentos e teorias que articulam esse viver. A educação para o lazer requer, portanto, qualificar-nos para a leitura crítica e criativa das formas e dos conteúdos de mensagens das vivências cotidianas, instrumentalizando-nos para a compreensão de suas diferentes nuances e dos espaços que abrem para o lúdico.

À medida que os sujeitos interagem, avançam seus conhecimentos teórico-práticos sobre eles mesmos e sobre suas relações com o mundo, alicerçando a consciência sobre o lazer como produto deste processo, sempre em movimento e em relação com diferentes esferas da vida. Justificam-se, desse modo, as várias demandas do lazer que acontecem no cotidiano da unidade entre teorias e práticas em nosso meio, tornando o lazer caracteristicamente um processo/produto interdisciplinar.

Afinal, o lazer é um espaço de convergência de projetos e ações de especialistas e educadores de diferentes áreas; espaço de trocas entre administradores, artistas, técnicos, pesquisadores, líderes comu-

8. Mikhail Bakhtin, especialmente em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1992), vem ajudando-nos a repensar o sentido da interdisciplinaridade a partir do princípio da interação entre sujeitos e contexto.

nitários e, enfim, dos sujeitos que se congregam nas buscas lúdicas. Em permanentes interações, todos ensinam, aprendem, reaprendem, adaptando ou transformando ações e saberes.

Nessas trocas, estreitam-se relações entre sujeitos e grupos; são reconhecidos e legitimados valores, papéis e competências, ampliando o universo de repercussões das ações realizadas, fortalecidas pelas parcerias que se desenvolvam. Tudo isso qualifica e otimiza as intervenções diversas que acontecem no lazer.

O projeto lúdico, como ponto de encontro solidário interdisciplinar, desperta e desafia a busca de conhecimentos sobre o lazer; sobre indicadores de sua existência sociocultural; sobre métodos e instrumentos que expõem a criatividade dos sujeitos no enfrentamento dos limites que se colocam para o lazer; e, em meio a isto, instiga a leitura das práticas de resistências que beneficiam todo o grupo. Esta busca de conhecimentos pressupõe a leitura das relações entre a realidade vivida, o sistema e os atores implicados no lazer. Pressupõe, também, que, juntos aos nossos parceiros, busquemos a unidade entre pensar, sentir e agir no lazer na comunidade. Nesta multiplicidade de experiências se afirma, as condições de vida se revelam, os esforços dos diferentes setores da municipalidade se aglutinam e se inserem em articulações simbólicas, múltiplas e singulares, representativas de conhecimentos construídos por experiências individuais e coletivas, que têm seus fios condutores trançados com o lugar e o tempo de suas origens.

Com isso, o lazer passa a ser visto como campo de apropriação, desapropriação e/ou recriação de saberes, competências e valores a partir de um universo teórico referencial básico — uma teoria do lazer — que no nosso entender funda-se na interação lúdica. O diálogo entre teorias e experiências alarga o nosso entendimento sobre as especialidades do lazer como modo de manifestação e representação de uma totalidade construída com medidas da experiência social, cultural, educacional, religiosa, artística, tecnológica, e outras tantas que delineiam o contorno do lazer no conjunto do nosso viver.

E quanto mais ampliamos os nossos saberes sobre o lazer mais despertamos-nos para a percepção dos espaços e das formas de viver o tempo disponível, os conteúdos culturais, alargando os horizontes dos nossos sonhos; que se delineiam nas possibilidades que encontramos para minimizarmos barreiras impostas ao lúdico. Essas trilhas levam à reconstrução do nosso viver pelo e para o lazer.

O esforço interdisciplinar no lazer volta-se, assim, para o pensar estrutural e dialético sobre o conhecimento construído no e pelo próprio processo de conhecer, refletindo sobre o que acontece no lazer. Avançando em sucessivos graus de cooperação e crescente coordenação entre áreas afins, o caminhar interdisciplinar no lazer conduz a interações de reciprocidade, de tal forma vividas, que, no final do processo, cada área sai tão enriquecida quanto o lazer, que desafiou esta construção. Todos incorporam marcos de referenciais, conceitos, experiências e metodologias das diferentes especialidades envolvidas.

E neste ir e vir ampliam-se as orientações dos sujeitos na iniciação e no aperfeiçoamento da vivência de diferentes conteúdos, dando-lhes maiores condições para o acesso aos equipamentos e às ocupações dos espaços disponíveis na comunidade. Com isso, desperta-se, também, a participação comunitária, voltada à recuperação, adaptação e otimização de uso dos equipamentos específicos e não-específicos para o lazer. Participação consciente da importância da utilização educativa crítica/criativa no lazer, que é básica para a manutenção e o zelo pelos materiais.

A ampliação do saber sobre o lazer favorece, por outro lado, a formação de grupos de interesses comuns e centros de convivências, congregando sujeitos de todas as idades, aglutinando experiências e intercambiando saberes, possibilitando crescimento quantitativo e qualitativo da vida comunitária.

Não há dúvida que vivendo o lazer como núcleo interdisciplinar, viveremos mudanças de mentalidades da comunidade interna envolvida nesse processo. A relação entre sujeitos passa a ser de mú-

tua responsabilidade. Multiplicam-se os interlocutores externos, abrindo frentes de inovações e renovações. Os desafios construídos coletivamente explicitam expectativas individuais e grupais, o que supõe um jogo aberto a perguntas que não são respondidas isoladamente. A construção coletiva de respostas lida com a complexidade da vida e aposta na interação como meio de coletivização de informações, trocas, embates e crescimentos de idéias. Com isso, os sujeitos, grupos, áreas de saber envolvidos relativizam melhor o lugar em que cada um se insere no lazer, contribuindo para que todos pensem para além das questões imediatas surgidas no conjunto da experiência vivida.

Tendo em vista esses fins mais amplos, o Projeto Recrear vem se empenhando em propostas que buscam deflagrar, apoiar, assessorar e divulgar projetos de lazer, despertando e fortalecendo lideranças, alargando projetos de solidariedade, que tendem ao progresso cultural e à autonomia dos sujeitos participantes quanto ao gerenciamento de futuras atividades dessa natureza.⁹

Nesta proposta política pedagógica, os líderes no lazer são agentes culturais abertos ao diálogo. Preocupam-se com a interação entre os parceiros com os quais brincam, difundindo informações sobre o lazer, orientando jogadores para a iniciação e o aperfeiçoamento de vivências culturais diversas, aliando-se a eles na busca de melhorias de condições de utilização do tempo, dos espaços e dos equipamentos disponíveis para o lazer. Os líderes no lazer motivam sempre a agregação de novos participantes e o partilhamento de conhecimentos, desejos e alegrias; incentivam a

9. Desde 1995, dando continuidade à capacitação de sua equipe através da formação em serviço, o Projeto Recrear vem ampliando o leque de suas intervenções, intensificando o intercâmbio entre a administração pública e comunidades em Belo Horizonte, integrando projetos interdepartamentais da municipalidade e, sobretudo, fortalecendo laços de solidariedade entre sujeitos, grupos comunitários e instituições.

expressão pessoal e grupal dos seus parceiros, valorizando a diversidade cultural, as propostas criativas e a relação estreita entre o fazer e o compreender dos fundamentos desse fazer. Atentos aos mínimos detalhes de todas as ações, juntos aos seus parceiros, esses líderes permanentemente redesenham as trajetórias das experiências realizadas, considerando às situações concretas vividas, e abrindo espaços para que o impossível possa acontecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 6ª ed. São Paulo, HUCITEC, 1992.
- BOURDIEU, P. e PASSERON, J. C. *A Reprodução; Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*. Trad. Reynaldo Bairão. 3ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1992.
- CALLOIS, R. *O Homem e o Sagrado*. Lisboa, Edições 70, 1988.
- FAZENDA, J. C. A. *Interdisciplinaridade; História, Teoria e Pesquisa*. Campinas, Papirus, 1994.
- JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e Patologia do Saber*. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- MARCELLINO, N. C. *Lazer e Educação*. 2ª ed. Campinas, Papirus, 1995.
- PINTO, L. M. S. de et al. Vários textos, in *Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. O Lúdico e as Políticas Públicas; Realidade e Perspectivas*. Belo Horizonte, PBH/SMES, 1995.
- _____. *A Educação para e pelo Lazer*. Belo Horizonte, PBH/SMES, 1996 (vídeo).

CAPÍTULO • OITO

ORÇAMENTO PARTICIPATIVO E A QUESTÃO DO LAZER - O CASO DE PORTO ALEGRE - R.S.

ETEL SOARES GUTTERRES¹
REJANE PENNA RODRIGUES²

O Orçamento Participativo é uma experiência nova que se aperfeiçoa no tempo. Alimenta-se da consciência dos cidadãos, da vitalidade do movimento comunitário e da vontade de construir uma cidade sem exclusões, na qual a solidariedade e a fraternidade geram um novo modo de vida.

Tarso Genro

Iniciamos este escrito com a introdução do Livro do Orçamento Participativo de Porto Alegre, uma vez que achamos justa sua inclusão porque define bem o que pauta o Orçamento em nossa cidade:

Há um verdadeiro abismo entre a cidade que temos e a cidade que gostaríamos de ter. Anos de história, desenhados pela via tortuosa das desigualdades sociais, separam a realidade da utopia, e nem

1. Licenciada em Educação Física; Assistente Técnica da Secretaria de Esportes, Recreação e Lazer, de Porto Alegre-R.S., gestão 1993-1996.

2. Licenciada em Educação Física; Secretária Municipal de Esportes, Recreação e Lazer, de Porto Alegre-R.S., gestão 1993-96.

Doado para o Projeto
BIBLIOTECA ABERTA